

MINICURSO: SE “ETNOGRAFIA NÃO É MÉTODO”, DO QUE SE TRATA?

CARGA HORÁRIA: 3h

DIA E HORÁRIO: 21/03 – das 14h às 17h

PROPONENTE: Breno da Silva Carvalho

EMENTA

O minicurso proposto problematiza o artigo de Mariza Peirano (2014), “Etnografia não é método”, como forma de discutir os desafios do trabalho de campo e da prática de pesquisa. Com isso, tenta-se elucidar o que constitui, de fato, a etnografia e os desdobramentos de sua realização para o pesquisador. Além de Peirano, a proposta baseia-se em discussões etnográficas trazidas por autores que avançam os referenciais estabelecidos da antropologia, embora situem-se externos à trilogia clássica das nações responsáveis pela formação e consolidação da disciplina – França, Inglaterra e Estados Unidos. Questões como a politização na pesquisa, segundo Arjun Appadurai (Índia); a forma de inserção no campo, apresentada pela tunisiana Jeane Favret-Saada; e a intersubjetividade na experiência etnográfica, na ótica de Susana de Matos Viegas (Portugal) são alguns dos pontos a serem tratados. Este conjunto de obras permite explicar a seguinte questão: no que consiste a experiência etnográfica hoje? Convém perceber ainda como a elaboração desta resposta exige um entendimento imbricado da heterogeneidade de sentidos e valores manifestos pela sociedade contemporaneamente, uma vez que a capacidade criativa dos atores, enquanto sujeitos culturais, permite-lhes o desempenho de ações que podem repousar em significações consensuais e/ou práticas divergentes (não normativas), dispensando, inclusive, pressuposições culturais. São as variações, lacunas, conversações e representações derivadas das relações humanas envolvidas na pesquisa de campo que sustentam a configuração de um campo de saber próprio, interessado na responsabilidade (humana) acerca da produção de conhecimento a partir do outro e para o coletivo. É este o cerne do minicurso em questão.

O interesse pelo minicurso relaciona-se à sua intenção em questionar e problematizar a responsabilidade política do pesquisador no exercício de um trabalho de campo, além de engajado na produção de um saber interdisciplinar com base no entendimento do outro.

BREVE CURRÍCULO DO AUTOR

Graduado em Publicidade e Propaganda (UCSAL, 2001), Antropologia (UFBA, 2011) e Mestre em Antropologia (UFBA, 2010). Já lecionou Teoria Antropológica na UFBA (Prof. Substituto, 2010-2012), onde hoje conclui Doutorado em Antropologia. Tem interesse de pesquisas nas áreas da antropologia das organizações, antropologia do consumo, metodologia de pesquisa e planejamento de comunicação. Atualmente, trabalha em agência de propaganda e ministra aulas no curso de Publicidade da Faculdade Social da Bahia (FSBA).

RECURSOS NECESSÁRIOS

Computador e projetor datashow.

REFERÊNCIAS

APPADURAI, Arjun. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: _____ (Org.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural*. Niterói: Eduff, 2008 (Coleção Antropologia e Ciência Política, n. 41), p. 15-88.

_____. Entrevista com Arjun Appadurai. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 45, p. 187-198, jan./jun. 2010.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 155-161, 2005.

GOLDMAN, Marcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 13, p. 149-153, 2005.

ENICECULT

I Encontro Internacional de Cultura, Linguagens e Tecnologias do Recôncavo

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é métodos. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014.

VIEGAS, Susana de Matos Viegas; MAPRIL, José Mapril. Mutualidade e conhecimento etnográfico. *Etnográfica*, Lisboa, v. 16, n. 3, p. 513-524, out. 2012.

PRÉ-REQUISITOS

Não há.

VAGAS

20.